



PSICOLOGIA ARGUMENTO

ISSN 0103-7013
Licenciado sob uma Licença Creative Commons



doi: 10.7213/psicol.argum.34.085.AO07

A Relação mãe-criança e a feminilidade

Mother-child relation and femininity

Talita Rohm ^[a], Juliana Radaelli^[b]

^[a] Pós-Graduação em Psicologia Clínica: abordagem psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Email: talitarohm@yahoo.com.br.

^[b] Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

Email: julianaradaelli74@gmail.com.

Resumo

O campo privilegiado de discussão deste artigo é a articulação entre os temas feminilidade e a maternidade a partir da clínica psicanalítica com crianças. Para Freud a maternidade é tomada como destino que daria acesso a mulher à feminilidade. Em Lacan a mãe está situada ao lado do falo, sendo a experiência da maternidade o resultado da experiência de castração e da mulher não-toda fálica. Lacan insiste na diferenciação entre a mãe e a mulher. Para o autor a questão essencial para a psicanálise com crianças era a sexualidade feminina, não é sem efeito para o sujeito que a sua mãe seja também uma mulher. A questão que deu origem ao trabalho nasceu da clínica psicanalítica com crianças. A escolha do caso clínico

está atrelada ao fato de que ele retrata os impasses vivenciados por uma mulher frente à experiência da maternidade. Discutir-se-á se tornar-se mãe é uma solução para a posição feminina. O caso clínico busca, ainda, ilustrar o momento que em a análise da criança permitirá a disjunção entre a mãe e a mulher.

Palavras-chave: Maternidade. Feminilidade. Clínica psicanalítica com criança. Psicanálise.

Abstract

The privileged field of discussion of this article is a link between the femininity and motherhood, themes from the psychoanalytic practice with children. For Freud motherhood is taken as a destiny that would give access to femininity for woman. In Lacan the mother is located on phallus side, and the experience of motherhood is a castration experience and the woman is non-all phallic. Lacan insists on the distinction between mother and woman. For the author the essential question for psychoanalysis with children was the female sexuality, is not without effect for the subject that his mother is also a woman. The question that gave rise to the study was born on the psychoanalytic clinic with children. The choice of the clinic case is linked to the fact that he show the impasses experienced by a woman against the experience of motherhood. We will discuss if becoming a mother is a solution to the feminine position. The clinic case aims to illustrate the point that in the child's analysis, will allow the disjunction between mother and woman.

Keywords: Motherhood. Femininity. Psychoanalysis whit children. Psychoanalysis.

Introdução

A maternidade sempre foi tema de grande interesse e investigação no campo psicanalítico. O tema, ser mãe, mobiliza as significações da maternidade e vai ao encontro dos debates contemporâneos.

Freud entendeu a maternidade como corolário da função fálica na menina, mas manteve em aberto a questão sobre o enigma da feminilidade. Lacan enfatizou a promoção da sexualidade feminina destacando o desejo da mulher na mãe. As figuras de mãe que Lacan formulou estão longe da imagem idealizada da mãe junto ao filho. Lacan refere-se à perversão do instinto materno exemplificado pela mãe devoradora que com uma lei incontável pode produzir estragos junto ao filho. Assim, o autor não cessou de mostrar os efeitos que a falta fálica imprime à mãe, e o lugar que um filho pode ser colocado.

Para Miller (1995) a questão preliminar de todo tratamento possível com crianças diz respeito a sexualidade feminina, ou seja, para a criança é determinante para sua constituição a incidência da mulher na sua mãe. A mulher é a que pode produzir um anteparo à mãe. É essa relação que vai orientar o lugar que uma criança pode vir a ocupar no desejo materno. Portanto se a investigação da sexualidade feminina é uma questão preliminar a todo tratamento possível com crianças, procuraremos delimitar quais aspectos do feminino estão presentes na clínica psicanalítica com crianças.

Nessa perspectiva, o presente artigo pretende abordar a natureza da relação mãe-filho tendo como recorte a devoração materna, articulando-a a temática da feminilidade. A questão que deu origem a pesquisa nasceu da clínica psicanalítica com crianças. A escolha do caso clínico está atrelada ao fato de que ele retrata os impasses vivenciados por uma mulher frente a experiência da maternidade, dado que, a maternidade se apresenta para ela

como via privilegiada do exercício da feminilidade.

A feminilidade em Freud

Para refletir sobre a relação mãe-criança, o eixo teórico a ser privilegiado, em Freud, será a importância que ele deu ao complexo de Édipo e de castração para a ascensão da sexualidade.

Freud (1931-2006) defende a tese de que o objeto original de amor da menina, da mesma forma que do menino, é a mãe. Todavia, o destino desse amor assume formas diferentes para os dois sexos. No caso do menino o objeto amoroso é abandonado a medida que a criança vai percebendo o pai como um rival. Para preservar seu narcisismo renuncia a mãe. Dessa forma, a saída do Édipo masculino se dá pela renúncia ao objeto de amor, como primeiro objeto de desejo, devido ao temor da castração.

O Édipo na menina, por sua vez, constitui motivo de embaraço para Freud. Em 1931, ele apresenta um estudo intitulado “Sexualidade feminina”. Neste trabalho, Freud observa que, antes de surgir a ligação da menina com o pai, existia uma forte ligação desta com a mãe. Nas meninas, o complexo edípico suscita uma questão a mais que nos meninos. A menina deverá trocar seu objeto de amor, passando da mãe para o pai e posteriormente deverá trocar de zona erógena, abandonando o clitóris em favor da vagina. Sendo a mãe, originalmente, o objeto de investimento amoroso de ambos os sexos, o que leva a menina a abandoná-lo, elegendo o pai como seu novo objeto de investimento amoroso?

De acordo com Freud (1932-2006), o fator determinante para a menina afastar-se da mãe e dirigir-se ao pai surge do efeito imaginário que o complexo de castração tem sobre os seres desprovidos de pênis. O complexo de castração feminino, inicia-se após a menina deparar-se com o genital do sexo oposto, a diferença anatômica. Na comparação da vagina com o pênis, ela sente que foi “injustiçada” fundamentando o sentimento de inferioridade em relação ao sexo masculino. Inicialmente, a menina nutrirá a esperança que ao tornar-se adulta adquirirá um órgão maior, o que é caracterizado por Freud como complexo de masculinidade. Contudo, ao deparar-se com sua castração, embora hesite e relute em aceitá-la encara-a como um fato consumado. O complexo edípico na menina é visto por Freud como uma formação secundária, preparada pela operação anterior, a saber, o complexo de castração.

Se em um primeiro momento a castração é tomada pela menina, nas palavras de Freud como um “infortúnio peculiar a ela própria; só mais tarde compreende que ela se estende a certas outras crianças e, por fim, a certos adultos” (Freud, 1931/2006, p. 241). A percepção da natureza geral da castração, isto é, nem todos são dotados de pênis-falo, fará com que ela deduza a castração de sua própria mãe e com isso, passe a depreciá-la. Ao final da primeira fase de ligação com a mãe, irá emergir a censura a esta. A menina responsabilizará a sua mãe pelo seu infortúnio, a falta do pênis-falo, e não a perdoará por ter sido colocada em desvantagem, por ter sido trazida ao mundo como mulher. Freud (1931/2006) localizou o fator responsável pela hostilidade e o ódio à mãe no fato de a menina considerar que “a mãe falhou em fornecer à menina o único órgão ou o órgão genital correto” (p. 242).

Nesse sentido, tornar-se mulher, enquanto resolução do Édipo feminino ante a castração apresenta-se como uma operação complicada para a menina. Diante dessa situação conflitiva restam-lhe três saídas possíveis do complexo edípico.

A primeira saída seria a inibição sexual, a menina assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com o seu clitóris, abandonando a sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral. A segunda saída é descrita pelo complexo de masculinidade, a menina aferra-se à esperança de obter um pênis-falo em alguma ocasião, o que faz com que ela se agarre a uma forma desafiadora à sua masculinidade ameaçada, podendo resultar em uma escolha homossexual. É a terceira via, nomeada por Freud de atitude feminina normal, possibilita-lhe encontrar o caminho da feminilidade definitiva pela substituição de seu desejo masculino de ter o pênis-falo do pai, por um desejo feminino de maternidade, ou seja, ter (na fantasia) um filho do pai.

Com base nessa última saída, pode-se inferir que a renúncia ao pênis-falo só é tolerada mediante uma compensação que a menina espera obter. O desejo fantasiado de ter um filho do pai, como substituto do pênis-falo é, portanto, o promotor do Édipo feminino. Na visão freudiana, o desejo de ter um filho estará ligado ao complexo de castração. É por ter se deparado com o fato de não ter o pênis-falo que a menina poderá deslocar da decepção em relação a ausência do órgão para o desejo de ter um filho. O desejo de ter um filho é, então, correlato à inveja do falo, e o filho se apresentará como um substituto possível para o falo faltoso na menina.

Tendo em vista o exposto, pode-se pensar que para Freud a maternidade irá apresentar-se como a única possibilidade de atenuar a inveja do pênis-falo pelas meninas, o que é um tanto quanto problemático, uma vez que, a criança ficaria situada no lugar do falo, destituída de uma posição de alteridade. Como pontua Galesi (2012) a saída proposta por Freud ao Édipo feminino continuaria visando o caminho “toda fálica”. É como se, contraditoriamente, para situar a mulher numa posição faltosa, Freud acabasse por reforçar o lugar onipotente da mãe.

Assim, seguindo as indicações freudianas, a maternidade tem a ver com o “apetite” da mulher pelo falo faltoso, ou ainda em suas palavras “talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo par excellence, um desejo feminino” (Freud, 1932-2006, p. 128). Nesse sentido, podemos concluir, a partir das considerações freudianas, que desejar um filho é desejar aquilo que falta.

Para além do Édipo freudiano

Como foi apresentado, anteriormente, Freud situa a maternidade como uma das saídas para a castração, o que está ancorado na noção de que há uma falta na mãe e que a criança viria como objeto capaz de reparar a falta do falo.

Lacan irá retornar à obra freudiana buscando situar a relação entre a mulher e o filho, no drama edípico, regido pela lógica da castração.

De acordo com Miller (1995) enquanto os pós-freudianos defendiam uma relação de completude entre a criança e a mãe, Lacan, por sua vez, promove uma virada teórica ao ligar a experiência da maternidade a experiência de castração. Assim, a relação entre a mãe e a criança seria desde sempre marcada pela falta.

No Seminário IV (1956-57/1995) Lacan irá formular que para a mãe, a criança, longe de ser apenas um filho, é também o falo. O autor buscará pensar a mulher em sua ligação com o falo, isto é, ao significante fálico que faz dela um ser da falta. A falta de que fala Lacan na mulher não se trata de uma falta real. O autor defende que o falo na doutrina freudiana não é uma fantasia, tampouco um objeto parcial, e menos ainda um órgão, pênis

ou clitoris. O falo, como propõe, é um significante. Para ele, a dialética falo-castração constitui o essencial da descoberta freudiana. O falo, assim Lacan o define, é o efeito da operação de castração, sendo esse o símbolo geral da falta fundamental fundada pela castração, em decorrência da entrada do significante (Lacan, 1957-58/1999).

Seguindo o pensamento lacaniano sobre o tema, pode-se inferir que à mãe falta algo. E é porque lhe falta que ela o deseja. Entre a falta de objeto essencial para a mulher, está o falo, estreitamente ligado a sua relação com o filho. “Se a mulher encontra na criança uma satisfação, é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que a satura” (Lacan, 1956-57/1995, p. 71).

A criança, conforme aponta Miller (2014), posta no lugar de objeto, não pode ser tomada como objeto adequado para preencher a falta da mãe. Se a criança possui relação com o falo, é como outro objeto qualquer, que faz suplência à falta materna. Nesse sentido, a posição subjetiva da mãe em relação ao falo, decorrente das inscrições provenientes do complexo de Édipo e do complexo de castração, terá papel preponderante na relação mãe-criança. Será determinante para cada sujeito a relação da mulher, que se encontra como sua mãe, com sua própria falta. Assim, ao falar da relação mãe-criança, há que se localizar o desejo da mãe na medida em que a mãe é uma mulher. Miller (1995) irá indicar em sua releitura da obra lacaniana que a questão essencial para a psicanálise com crianças diz respeito a sexualidade feminina, isto é, o fato de uma mãe ser também uma mulher não será sem conseqüências.

Tendo em vista a falta de objeto na relação da mãe com a castração, Jacques-Alain Miller (1995) propõe a seguinte fórmula para se pensar a análise de criança: $Sc \diamond [Sf \diamond (-\phi)]$ em que se pode ler: em cada análise de criança há que se verificar como esta se inscreve nessa relação. Como o sujeito criança – Sc – se articula na relação do sujeito feminino – Sf – com sua falta fálica – $(-\phi)$ – e como a criança – Sc – se inscreve nessa relação. Como a criança vai se engajar, se introduzir e substituir o apetite materno pelo falo faltoso. Lacan (1969/2003), na carta a Jenny Aubry, vai apontar que a criança tanto pode ocupar o lugar do sintoma que representa a verdade do par familiar, como pode tornar-se objeto da fantasia materna.

Para pensarmos o desenrolar da relação mãe-criança articulando a demanda de um filho à castração e a falta, faz-se necessário retomar os três tempos do Édipo formulados por Lacan. Nesse texto Lacan explica como a mãe irá operar em cada momento do drama edípiano através da tríade mãe-criança-falo.

No primeiro tempo do Édipo a mãe, no exercício da função materna, sustenta para seu bebê o lugar de Outro primordial. Cabendo a ela, antecipar em seu bebê uma existência subjetiva que ainda não está lá, mas que virá a constituir-se justamente por ter sido suposta. Desse modo, a criança dependerá de outro para consecução não somente da satisfação de suas necessidades, mas de sua própria entrada na linguagem. A mãe se apresenta para a criança como lei incontrolável e onipotente ao mesmo tempo que faz a mediação simbólica primordial. Já a criança identifica-se com o objeto de desejo materno.

Lacan (1956-57/1995) se pergunta que papel desempenha o falo, no nível da pretensa exigência da mãe, no nível de sua função imaginária. Trata-se, para ele, de saber como a criança realiza, mais ou menos conscientemente, que sua mãe onipotente tem falta de alguma coisa, e de saber por qual via ela vai lhe dar esse objeto faltoso, que sempre

falta a ela mesma. Trata-se, para Lacan, da etapa em que a criança se engaja na dialética intersubjetiva do engodo:

para satisfazer o que não pode ser satisfeito, a saber, esse desejo da mãe que, em seu fundamento, é insaciável, a criança, por qualquer caminho que siga, engaja-se na via de se fazer a si mesma de objeto enganador. Este desejo que não pode ser saciado, trata-se de enganá-lo. Precisamente na medida em que mostra à sua mãe aquilo que não é, constrói-se todo o percurso em torno do qual o eu assume sua estabilidade (Lacan, 1956-57/1995, p. 198).

Na medida em que se faz de objeto para enganar, a criança se vê engajada, diante do outro, numa posição em que a relação intersubjetiva é inteiramente constituída. Mas o engano não é de efeito imediato, como se pode supor, mas tem a ver com a posição que a criança ocupa no desejo da mãe. Contudo, como se trata de um desejo que não pode ser satisfeito, só se pode enganá-lo. Lacan (1956-57/1995) assinala ainda que esta mãe, insaciável, insatisfeita, é alguém real, e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar - *quaerens quem devoret*. Por isso, a mãe lacaniana é uma fera, afirma Miller (1995), chegando a ser apresentada como um crocodilo com a boca aberta. Aqui, o elemento central é o objeto oral intermediando a relação da mãe com o filho.

O que a própria criança encontrou, anteriormente, para anular sua insaciedade simbólica, vai encontrar, possivelmente, diante de si, como uma boca escancarada, que o mito da Medusa tão bem ilustra. “É uma figura devoradora que a criança encontra, como saída possível em sua busca de satisfação da mãe” (Lacan, 1956-57/1995, p. 199).

É neste momento que Lacan faz o pai entrar em jogo como o quarto elemento para intervir na relação mãe-criança-falo, no nível da articulação do pai e da mãe enquanto homem e mulher.

Lacan (1957-58/1999) postula que na primeira fase de constituição do sujeito, quando a criança assume inicialmente o desejo da mãe, ela o assume de maneira bruta, sendo apenas no momento posterior, denominado de segundo tempo edípico, que o pai irá aparecer mediado no discurso da mãe, é quando a palavra do pai passa a intervir efetivamente no discurso da mãe. Nesta etapa, ocorre a entrada do pai, no que era até então uma relação mãe-criança-falo. O pai, no plano imaginário, intervém efetivamente como privador da mãe. Neste momento a intervenção do pai permite a criança uma desvinculação de sua identificação com aquilo que é o objeto de desejo da mãe. Todavia, é o consentimento da mãe em ser privada pelo pai de seu objeto-criança que cria a possibilidade desse corte ser subjetivado pela criança.

Com efeito, nesta etapa do Édipo, o pai, enquanto portador do falo, ao mesmo tempo, em que desvencilha a criança de sua identificação ao objeto materno, liga-a ao primeiro aparecimento da lei. No que lhe concerne, caberá ao pai, em sua função, remeter a mãe a uma lei que não seja dela mesma, mas de um Outro, revelando que o objeto de seu desejo é, na realidade, possuído por esse mesmo Outro cuja lei ela remete. Assim, ressalta Lacan (1957-58/1999), “é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto de desejo da mãe” (p. 210).

No terceiro tempo, o pai deverá sustentar a promessa fálica para que a criança possa, assim, assumir sua escolha sexuada. Nesta etapa, ocorre a intervenção do pai real como aquele que detém o falo, ao passo que a mãe é privada aos olhos do pequeno sujeito.

Conforme diz Lacan (1957-58/1999), é preciso que a promessa feita pelo pai na fase anterior seja mantida, posto que, o pai tanto pode dar ou recusar, haja vista que, ele se apresenta como aquele que possui o falo. No entanto, não basta apenas ser o detentor do falo, é necessário dar provas que o tem. Cabe então ao pai intervir como aquele que possui o falo, e não que o é, instalando, assim, a dimensão do falo enquanto objeto desejado pela mãe, e não mais como objeto que o pai seja capaz de privá-la.

Se no segundo tempo edípico o pai se apresenta como onipotente, isto é, aquele capaz de privar a mãe como suporte da lei, no terceiro momento, o pai pode dar a mãe o que ela deseja e somente pode dar, na medida, em que o tem. Neste momento, assinala Lacan, intervém a potência no sentido genital da palavra e, devido a isso, a relação da mãe com o pai torna a passar para o plano real. O pai, escreve Lacan (1957-58/1999), “acha-se numa posição metafórica, na medida e unicamente na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença, a existência como tal do lugar da lei” (p. 202).

Considerando o exposto, pode-se pensar que o pai lacaniano se inscreverá para a criança como generosidade, oferecendo-se para ela como possibilidade identificatória, na qual o menino se identifica com o pai enquanto possuidor do pênis, e de a menina reconhecer o homem como aquele que o possui. Desse modo, o Nome-do-pai, ao substituir o desejo sempre enigmático da mãe, introduz a significação fálica no lugar do Outro, produzindo-se o enlaçamento do desejo com a lei.

Cabe ainda ressaltar que para Lacan, o pai e a mãe são dois significantes, havendo uma operação de substituição do significante do desejo da mãe pelo Nome-do-Pai. Dessa maneira, ao falo, é atribuído o significado enigmático do desejo da mãe. É introduzida uma distância entre o objeto de desejo, o falo, e a criança, distância que significa que o falo não recobre totalmente a criança.

Miller (2014), em seu texto “A criança entre a mulher e a mãe” irá apontar que a metáfora paterna formulada por Lacan não significa apenas que o Nome-do-Pai deva reprimir o desejo materno, submetendo-o a lei. O Nome-do-Pai, segundo ele, tem a função de dividir o desejo materno, isto é, fazer com que a criança não seja tudo para a mãe, fazendo-se necessário à mãe encontrar o significante de seu desejo no corpo de um homem.

Desse modo, Miller (2014) assinala que frente à mãe, há dois destinos possíveis para a criança, “ou a criança preenche ou a criança divide” (p. 4), é preciso que a criança divida o sujeito feminino entre a mãe e a mulher, ou seja, é necessário que seja preservado o não-todo do desejo feminino.

O não-todo do desejo feminino

No primeiro momento de seu ensino, Lacan, ao tratar a temática da sexualidade feminina, abordará a mulher em sua ligação com o falo, isto é, ao significante que faz dela um ser da falta. A partir do texto “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina” (1998) o autor irá interrogar se a mediação fálica drenaria tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher. Tal questão abre caminho para as formulações posteriores acerca do não-todo feminino e, por conseguinte, a elaboração do gozo fálico e suplementar (Galesi, 2012; Zalcberg, 2003).

No Seminário XX (1975/2008) Lacan irá introduzir as fórmulas da sexuação articulando-as de modo a dar conta da maneira como os dois sexos se posicionam diante da lei fálica, assinalando o fato de que a função fálica não seria capaz de responder a questão freudiana acerca da sexualidade feminina “o que quer uma mulher?”. Para dar conta do impasse deixado pelo pai da psicanálise foi preciso que o autor fosse além, enfrentado o insuportável da questão feminina. Assim, na teoria lacaniana, tem-se o registro edipiano sustentando a posição masculina, ao passo que a feminilidade está referenciada no além do Édipo.

Na medida em que toma a castração em sua dimensão simbólica, Lacan irá articular a maneira como cada sexo se posiciona diante da falta. Falta esta que é estrutural, decorrente da incidência da linguagem na sexualidade humana. Convém assinalar que esta divisão não corresponde à distinção anatômica entre os sexos, mas se trata de uma posição subjetiva do sujeito frente à castração.

De acordo com Lacan (1975/2008) todo ser falante se inscreve de um lado ou de outro das fórmulas da sexuação. Assim, todos os seres falantes que se inscrevem do lado da função fálica se inscreverão em uma posição masculina. Todavia, nem todos os seres falantes vão estar inseridos na função fálica. Estes seres que não se encontram totalmente inscritos na função fálica se inscrevem do lado não-todo que Lacan chamou de posição feminina. O sujeito feminino insere-se em parte na função fálica, permitindo uma inscrição como ser de linguagem, entretanto, parte dela não se inscreve na função fálica, ficando do lado não-todo.

Malvine Zalcberg (2003) escreve que a castração funciona como limite e garantia da posição masculina uma vez que na saída edipiana o menino recebe uma identificação viril do pai, encontrando um representante para o seu sexo no significante falo. Em contrapartida, na mulher, a castração se desdobra. A saída edípica deixa um lado sem cobertura simbólica, pois, diferentemente do homem, não há um significante que lhe seja específico. Nesse sentido, pode-se pensar que a metáfora paterna não opera totalmente na mulher, por não ter um significante que a represente especificamente como mulher, uma parte dela permanece fora do processo de simbolização, ou seja, o processo de simbolização instituído pela metáfora paterna deixa um resto sem solução na mulher.

Com efeito, ao elaborar a formulação acerca da diferença entre os sexos, Lacan (2008) indicará a impossibilidade de construir um universal do feminino, as mulheres encontram-se fora do universal da lei fálica, pois não há o significante d’A mulher, falta-lhe um significante que fundamente seu ser. Esta ausência de um significante capaz de designar A mulher irá levar a elaboração lacaniana de que “A mulher não existe”. Isto porque o falo é o único significante da sexuação, assim, em termos de significante há apenas um sexo – o masculino. Para o inconsciente o Outro sexuado não existe.

A lógica da sexuação produziu uma distinção não apenas entre homens e mulheres, mas entre a mãe e a mulher. Lacan (1975/2008) afirma que a relação entre os sexos não se pode inscrever, dado que, a escrita inconsciente da relação sexual permanece impossível para a mulher. A única forma possível da mulher entrar na relação sexual seria enquanto mãe, quoad matrem, ou seja, a mãe, tanto quanto o homem, estão referidos à função fálica, sendo a mãe o que resta da mulher no lado masculino da sexuação, do lado todo fálico. Nessa perspectiva, se há para a mulher um lugar no campo simbólico, é somente pela vertente da mãe, havendo, pois, neste campo um significante em que possa ancorar sua identidade. Encobrendo o resto que não se submete ao ordenamento fálico.

Da escritura da feminilidade feita por Lacan pode-se extrair várias implicações. Uma delas é a relação da mulher com o seu gozo. A mulher, por estar não-toda na função fálica, tem acesso a um outro gozo, além do gozo fálico, denominado por Lacan de gozo suplementar. Por não ser recoberto pela linguagem, o gozo suplementar permanece na ordem do indizível, tendo relação com o vazio, com o nada.

Já aqueles que se inscrevem na posição masculina, estarão inscritos do lado do gozo fálico. Para o homem, a função fálica, impedirá que ele goze de uma mulher, ou, dito de outro modo, que ele faça amor. Dado que os homens ao abordar uma mulher, não o faz senão abordar a causa do seu desejo, o objeto a. Esse modo de o homem amar a mulher é denominado por Lacan (1975/2008) como sendo a “perversão polimorfa do macho” (p. 78), uma vez que, o homem só goza da mulher na condição de objeto do seu desejo.

Em consequência da mulher não possuir um traço em que possa apoiar sua posição feminina, fará com que ela busque um lugar para amarrar sua questão identificatória, refugiando-se em uma máscara para ser desejada por um homem, mostrando-se como aquilo que lhe falta. É por meio do recurso do semblante que a mulher irá escamotear a sua falta-a-ter. “Por meio dessa mascarada, jogando sobre sua falta, a mulher constrói uma feminilidade possível: faz-se amada pelo que ela não tem e desejada pelo que ela não é” (Zalberg, 2003, p.103).

Miller (2010), ao abordar a temática da feminilidade, chama a atenção para o fato de que “A mulher não existe”, como ensinou Lacan, não significa que o lugar da mulher não exista, mas que esse lugar permanece essencialmente vazio. Sendo justamente o fato de o sexo da mulher remontar ao vazio, ao nada, que surge a máscara como forma de cobrir o resto deixado sem solução no sujeito feminino. Para que uma mulher possa se constituir do lado de ser o falo, o que falta aos homens, é preciso que ela assuma a sua falta-a-ter, reconhecendo a sua própria castração.

Tendo em vista a proposição de Lacan, na qual ele afirma que “A mulher não existe”, poderia então a maternidade servir como resposta para o que resta de enigmático da sexualidade feminina? O que acontece que algumas mulheres procuram a solução para a sua falta a ser pela via do ter? São estas questões que auxiliarão na problematização do caso clínico a ser estudado.

Ser mulher é ser mãe?

O caso clínico apresentado refere-se a uma menina de sete anos de idade, a quem chamarei de Camila. Filha única e de pais separados, mora com a mãe e a avó materna. Chega ao consultório encaminhada pelo profissional de odontologia, devido ao comportamento de “chupar o dedo”. A mãe de Camila, que será aqui chamada de Fabiana, veio buscar atendimento para a filha apresentando a mesma queixa que a dentista. Ao ser indagada pela analista sobre questões que apontavam para o lugar da criança no contexto familiar, disse que a filha era muito “apegada” à ela. Conta ainda que ela e o pai da criança haviam se separado quando a filha tinha por volta dos três anos de idade. Segundo a mãe, a relação conjugal havia sido marcada por muitas “brigas”, motivo da separação.

Após alguns encontros com a criança, a analista solicita realizar uma sessão com a mãe de Camila. Nesta sessão, Fabiana fala de forma mais detalhada da conturbada relação que tivera com o pai da filha. Fala das agressões físicas e psicológicas sofridas. Segundo Fabiana, muitas dessas agressões haviam sido presenciadas pela filha ainda muito peque-

na. A mãe da paciente ainda se queixa que desde que iniciou a faculdade não conseguia dedicar “tempo” à criança, como fazia anteriormente, e que Camila não compreendia sua rotina, exigindo muito dela. Relatou ainda que a maternidade e a faculdade lhe “roubam muito tempo”, restando pouco a dedicar à vida amorosa. Ao tocar a temática do relacionamento amoroso, Fabiana diz que a filha quer “controlá-la”, pois não permite que ela namore.

Para dizer da posição “controladora” da filha, Fabiana descreve um evento ocorrido entre elas, relatou que estava iniciando um relacionando com um colega e o convidou para ir até a sua casa. A presença desse homem na casa fez com que Camila questionasse sobre o “status” da relação deles. A mãe, na ocasião, disse a filha que se tratava “apenas de um amigo”, Camila então fez gestos para o suposto amigo da mãe que significavam “estou de olho”, e em seguida deu um “selinho” na boca de Fabiana. Em meio a sorrisos, a mãe da criança descreve uma série de eventos do seu cotidiano que revelavam a posição ocupada por Camila, a saber, a de “controlar” a sexualidade materna.

Neste ponto, faz-se necessário retomar a fórmula proposta por Miller (1995) para se pensar a análise de uma criança, $Sc \diamond [Sf \diamond (- \phi)]$. Aqui nos interessa pensar como Camila irá se engajar para substituir o apetite materno pelo falo faltoso já que a mãe da paciente apresenta-se como um sujeito com dificuldades de incluir outro objeto afetivo além da própria filha.

Restava a Camila oferecer-se para a mãe como objeto capaz de saturar a falta-ater, engajada, no que Lacan (1956-57/1995) denominou de dialética intersubjetiva do engodo. Paradoxalmente, para que a criança possa advir enquanto sujeito de linguagem é preciso que ela se identifique como objeto do desejo materno, ou seja, que busque ser o objeto satisfatório para a mãe. Fabiana revela por meio de sua fala que a experiência da maternidade se manifestou para ela como possibilidade de encontro com um objeto capaz de saturar e de preencher a sua falta enquanto mulher “quando Camila nasceu ela era tudo que eu queria, não precisava de mais nada, acho que quando o filho nasce é isso.... Isso da mãe se dedicar ao filho, eu tinha olhos só para ela, fazia tudo para ela, nem me importava mais com o pai dela, ela era tudo que eu queria na vida” (SIC).

Contudo, se em um primeiro momento, foi possível que Fabiana colocasse a filha como objeto capaz de atenuar sua necessidade de falo com algo que suturasse sua falta. A análise de Camila irá fazer com que o Nome-do-Pai se inscreva para essa criança, permitindo que ela divida a mãe entre mãe e mulher, fazendo aparecer a castração materna.

No decorrer da análise Camila irá dedicar grande parte das sessões à brincadeira do Jogo da Vida. Este jogo possibilita que a criança vivencie questões referentes ao mundo dos adultos como escolher uma profissão, casar e ter filhos. Assim, nos primeiros momentos da brincadeira com o Jogo da Vida, Camila interessava-se em “ganhar muito dinheiro” e “ser bem sucedida profissionalmente”, palavras usadas pela criança durante as sessões. O espaço do jogo denominado de “casamento”, parada obrigatória para todos os jogadores, era rechaçado pela criança.

Desse modo, através do seu brincar Camila põe em cena a posição da própria mãe frente aos homens. Ao parar no espaço “casamento”, Camila queixava-se dizendo que não queria marido. O manual do jogo estabelece que o jogador ao parar neste espaço, coloque um pino azul ou rosa, marido ou mulher, em seu carro. A paciente, porém, ao inserir um pino azul, que simbolizava o marido, o colocava no banco de trás do carro, lugar destinado aos filhos. Os filhos, por sua vez, eram colocados do lado da mãe. A analista sempre pon-

tuava para a paciente sobre o mal entendido que ocorria entre o lugar a ser ocupado por ela, enquanto filha, e o lugar destinado ao marido para uma mulher. Em um dos atendimentos foi possível que a analista inserisse para a criança a questão “você ficou no lugar do seu pai para a sua mãe?”. A pergunta causou certo espanto na paciente que, esboçando um sorriso, responde “acho que não”.

Com o passar das sessões, os lugares a serem ocupados pelo filho e pelo marido vão adquirindo certa consistência para a paciente. Em sua brincadeira com o Jogo da Vida, Camila passou a ocupar o lugar de filha deixando o lugar do marido vazio. Em uma das sessões a paciente ao ter mais de um filho diz “vou colocar o filho mais velho no banco da frente ao lado da mãe”. Em seguida, sem que a analista fizesse qualquer interpretação, a própria criança faz uma retificação, “melhor não, vou colocar ele no banco de trás, o banco da frente é o lugar do marido”. Já em outro momento ao se deparar no jogo com a figura da “mãe solteira”, usada por ela para descrever a mãe sem marido, Camila observa “a mulher irá se casar, é ruim ser sozinha”. Tal deslocamento teve efeitos na relação estabelecida por ela com a figura materna. Na posição de filha, Camila já não se colocava como o único objeto que faltava à mãe, era preciso que esta desejasse algo para além dela.

Coube a Lacan desmitificar a pretensa completude entre mãe e filho. Para ele a criança não é aquilo que falta a mulher uma vez que, na criança, a mulher reencontra algo que tem a ver com o objeto que lhe falta, mas todos os demais objetos podem ocupar esse lugar de substituto. A criança posta no lugar de objeto vem ocupar o lugar do engodo, fazendo a si mesma de objeto enganador já que o desejo da mãe não pode ser saciado. Diante da figura devoradora encontrada pela criança, Camila pôde localizar um furo na cabeça da Medusa, o que possibilitou que a paciente apontasse para a mãe o lugar do engano ocupado por ela anteriormente. O trecho da sessão a seguir coloca em cena toda a dialética do engodo descrita por Lacan, revelando para Fabiana, a impossibilidade de completude da relação mãe-filho.

Essa questão é muito bem ilustrada na passagem em que a Fabiana procura a analista da filha para falar sobre o que Camila havia dito a ela dias antes daquela sessão. Fabiana relata que a filha, ao visualizar no celular da mãe uma mensagem de um homem diz a esta “você tinha um encontro e nem me avisou?”. Ao ser questionada Fabiana responde a filha que se tratava apenas de um amigo, que a filha era a pessoa mais importante de sua vida. No entanto, em outro momento, Camila faz a seguinte colocação para sua mãe “você pode ter um namorado, só não tenha filhos com ele, eu não quero ter um irmão”. A fala da filha aponta algo capaz de furar a mãe, de dividi-la, entre mãe e mulher, recolocando para Fabiana a dimensão do não-todo do desejo feminino.

Neste sentido, a análise da filha faz com que Fabiana tenha que se haver com a própria feminilidade. E se a castração reaparece como aceitar não ser toda-fálica? A fala da filha faz com que Fabiana reencontre a sua posição de sujeito marcado pela falta e, por conseguinte, a sua divisão entre mãe e mulher, os efeitos desta disjunção podem ser observados na passagem a seguir “eu não estou preparada para namorar. As pessoas dizem que não tenho namorado por causa da minha filha, mas é porque eu não gosto do meu corpo, não me acho bonita, sinto vergonha de mim, não consigo permitir que algum homem veja meu corpo, me acho gorda (...) acho que o problema não é minha filha, sou eu”(SIC).

Na fala de Fabiana o que se revela, ainda, é a relação dela enquanto mulher com a própria sexualidade e a impossibilidade do encontro sexual, de se colocar como objeto de desejo para um homem.

Torna-se mãe é a solução para a posição feminina? Trata-se de uma solução pela via do ter. Há, no entanto, outro registro de solução que é do lado do ser, isto é, não se trata de saturar a falta, mas dialetizá-la, fabricar um ser com o vazio da questão feminina (Miller, 2010). É por meio do recurso do semblante que a mulher irá escamotear sua a falta-a-ter. Contudo, para que uma mulher possa se constituir do lado de ser o falo, o que falta aos homens, é preciso que ela assuma a sua falta, reconhecendo a sua própria castração.

No caso clínico apresentado, de início, a paciente funciona como anteparo para a mãe, protegendo e impedindo o encontro dela com um homem. Para ser mãe Fabiana deixava de ser mulher. Quando a filha, posta no lugar de objeto, deixa de preencher, passando a dividir, o que se coloca para Fabiana além da relação com o próprio corpo, é a sua própria história edipiana.

No discurso da mãe da paciente o que está em jogo e faz questão é a repetição que se dá em suas escolhas amorosas e o lugar ocupado por Fabiana em seus relacionamentos, como pode ser observado na seguinte fala: “não acho que seja coincidência eu sempre me relacionar com homens que me agridem. Quando eu era criança meu pai batia na minha mãe, presenciei várias brigas entre eles. Disse a mim mesma que nunca me casaria com um homem como meu pai, mas todos os homens com quem me relacionei se parecem com ele” (SIC).

Com efeito, pode-se pensar que o encontro sexual com um homem fica interdito para Fabiana por remontar sua história edipiana com o pai, o homem violento. Colocar a filha no lugar de “controladora de sua sexualidade” serviu, de certo modo, para que se protegesse desse homem, apaziguando o seu fantasma.

Outra questão que se apresenta para Fabiana é a de vir a reconhecer a sua falta-a-ter. Em sua história pré-edípica ao se deparar com a castração, como não detentora do falo, esse evento assume para ela a dimensão de infortúnio peculiar a ela própria, e não, como sinaliza Freud (1932/2006), algo que se estendesse a todos os seres desprovidos de pênis, a todas as mulheres. Assim, em seu discurso pode-se observar uma série de falas que remontam ao sentimento descrito pelo inventor da psicanálise de injustiçada, daí decorre todo o seu sentimento de inferioridade. Atribui à mãe a responsabilidade de não tê-la trazido ao mundo com órgão genital correto, por tê-la feito castrada, foi como se expressou, durante um de seus atendimentos, em tom queixoso, “eu sou triste, minha vida é sem graça (...) eu não sou boa em nada, me acho a pior pessoa do mundo (...) a minha mãe me estragou e eu não quero estragar a minha filha, não quero fazer com ela o mesmo que a minha mãe fez comigo” (SIC).

Para Fabiana o corpo castrado adquiriu a dimensão do corpo “estragado”, junto ao “estragado” adunam-se uma série de outros significantes, todos eles remontam a um sentimento de inferioridade, de menos-valia. O corpo castrado é o corpo do qual Fabiana sente envergonha, o corpo feio e gordo, que torna para ela insuportável a parceria sexual com um homem. A consequência para a mulher de não estar inscrita totalmente na função fálica é a falta de um significante para o seu ser, sendo por meio de uma máscara que a mulher constrói uma feminilidade possível, mas para prestar-se a comédia dos sexos é preciso que a mulher reconheça a sua falta, a sua castração. Todavia, é necessário que a castração e a falta não adquiram para a mulher um caráter negativo, depreciativo, algo que a inferiorize. Daí se desenrola toda a questão para Fabiana, pois, enquanto mãe poderia vir

a se inscrever do lado da função fálica, quoad matrem, já enquanto mulher há apenas uma inscrição possível, do lado não-toda fálica.

Considerações finais

Como vimos, para Freud a maternidade seria o caminho que daria acesso para a mulher à feminilidade, o que está ancorado na noção de que há uma falta na mãe e que a criança viria como objeto capaz de reparar a falta do pênis-falo, esta ideia é um tanto quanto problemática, tendo em vista que a criança ficaria situada no lugar do falo destituída de uma posição de alteridade.

Em seu ensino, Lacan insiste na diferenciação entre a mãe e a mulher. A mãe está situada do lado do falo sendo, portanto, a experiência da maternidade uma experiência de castração e a mulher é não-toda fálica, isto é, a mediação fálica não seria capaz de drenar tudo que se manifesta de pulsional na mulher, algo ultrapassa o falo e toda a cobertura simbólica. O autor, ainda, postula no final de sua obra que a maternidade seria uma suplência ao fato de a mulher não ser toda, que a criança é o objeto a que sutura esse ponto em que a mulher é ausente de si mesma. Dessa maneira, o filho localiza algo do gozo para uma mulher, funcionando como uma rolha do não-todo feminino (Lacan, 1975/2008).

Miller (1995) indicará, em sua releitura de Lacan que para o autor, a questão essencial para a psicanálise com crianças era a sexualidade feminina. Nessa perspectiva, uma proposição que serviu de eixo estruturador para a discussão proposta neste artigo trata-se da frase cunhada por Miller (2014) para abordar a questão da sexualidade feminina e o sintoma da criança, a saber, “ou a criança preenche ou a criança divide”. Dessa forma, quanto mais a criança preenche a mãe, mais o sujeito materno se angustia. Sendo que “a mãe angustiada é, inicialmente, aquela que não deseja, ou deseja pouco, ou mal enquanto mulher” (Miller, 2014, p. 5). Segundo o autor, a metáfora paterna formulada por Lacan não significa apenas que o Nome-do-Pai deva reprimir o desejo materno, submetendo-o a lei. O Nome-do-Pai, para ele, tem a função de dividir o desejo materno, isto é, de fazer com que a criança não seja tudo para a mãe.

O caso clínico procurou ilustrar as duas posições que a criança, posta no lugar de objeto, pode vir a ocupar para o sujeito feminino, bem como, os efeitos que isso pode acarretar tanto para a mãe quanto para a criança. No início, Camila, a paciente, funciona como anteparo para a mãe, protegendo e impedindo a parceria sexual desta com um homem.

Na clínica psicanalítica com crianças, o analista é convocado a intervir para que o círculo não se feche completamente em torno da criança e ela não se torne, pura e simplesmente, objeto de desejo da mãe.

Nesse sentido, podemos pensar que a análise de uma criança irá colocar em cena o que Lacan designou de “dialética intersubjetiva do engodo”, talvez seja essa a função inicial de uma análise tendo em vista que, na relação entre a mãe e a criança há um engano. Do lado da criança, que evidentemente, não é o falo apesar de fazer a si mesma como objeto enganador na tentativa de saciar o desejo materno desejo que por estrutura não pode ser satisfeito. Há também o engano do lado da mãe que não poderia ser completada pelo falo (Lacan, 1995). No caso clínico, é esse engodo que cai no momento de disjunção, deixando aparecer a devoração materna confrontando a mãe e a criança com a castração.

Em Fabiana a falta se desdobra, pois lhe falta um objeto capaz de preencher a sua falta-a-ter, bem como lhe falta um significante que represente o seu ser de mulher, a sua falta-a-ser.

Parece-nos que a maternidade diz de uma mãe e a feminilidade de uma mulher. A feminilidade está na parte não-toda, já a maternidade está no todo, no campo fálico, por isso é universal. Não há uma equivalência entre mulher e mãe porque os desejos são distintos, no entanto, não são excludentes. Nesse sentido, a maternidade não proporciona uma identidade de mulher, como propôs Freud, mas, sim, de mãe. Para Lacan, sendo justamente o fato do sexo da mulher remontar ao vazio e ao nada que surge a máscara como forma de construir uma feminilidade possível. Não se trata de saturar a falta, mas dialetizá-la, fabricar o ser com o vazio da questão feminina.

Referências

Freud, S. (1931). Sexualidade feminina. In *Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. XXI. pp. 233-251.

Freud, S. (1932). Feminilidade. In *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. XXII. pp. 113-134.

Galesi, Z. A. (2012). *De Freud a Lacan: um passo de saber sobre as mulheres*. Opção Lacaniana online nova série. Ano 3, n.8, julho 2012; issn 2177-2673. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_8/De_Freud_Lacan.pdf. Acessado em 20/07/2016.

Lacan, J. (1998). *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1995). *O seminário IV: A relação de objeto (1956-7)*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1999). *O seminário V: As formações do inconsciente (1957-8)*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2008). *O seminário XX: Mais, ainda (1975)*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança (1969). In *Outros Escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Zahar.

Miller, J.-A. (1995). *A lógica na direção da cura - elaborações sobre o Seminário IV de Jacques Lacan, A relação de objeto*. Belo Horizonte: EBP-MG. Disponível em: <https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/jacques-alain-miller-a-k3b3gica-na-direc3a7c3a3o-da-cura.pdf>. Acessado em 25/07/2016.

Miller, J.-A. (2010). *Mulheres e Semblantes II*. Opção Lacaniana online nova série. Ano 1. n. 1, março; issn 2177-2673. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_II.pdf. Acessado em 20/07/2016.

Miller, J.-A. (2014). *A criança entre a mulher e a mãe*. Opção Lacaniana online nova série. Ano 5, n. 15, novembro; issn 2177-2673. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf. Acessado em 21/07/2016.

Zalberg, M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Recebido / Received: 20/10/2016

Aprovado / Approved: 05/12/2016